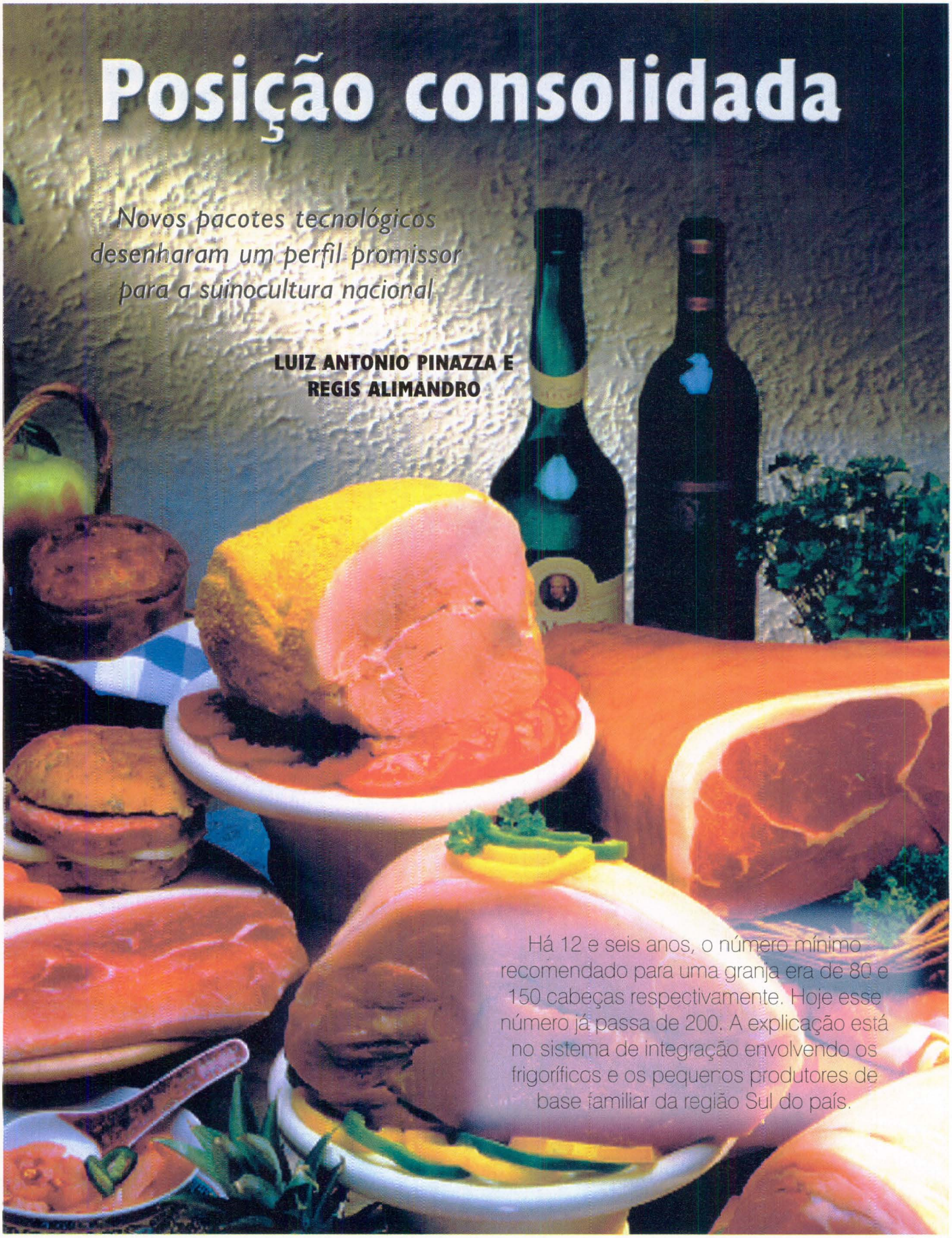
Posição consolidada

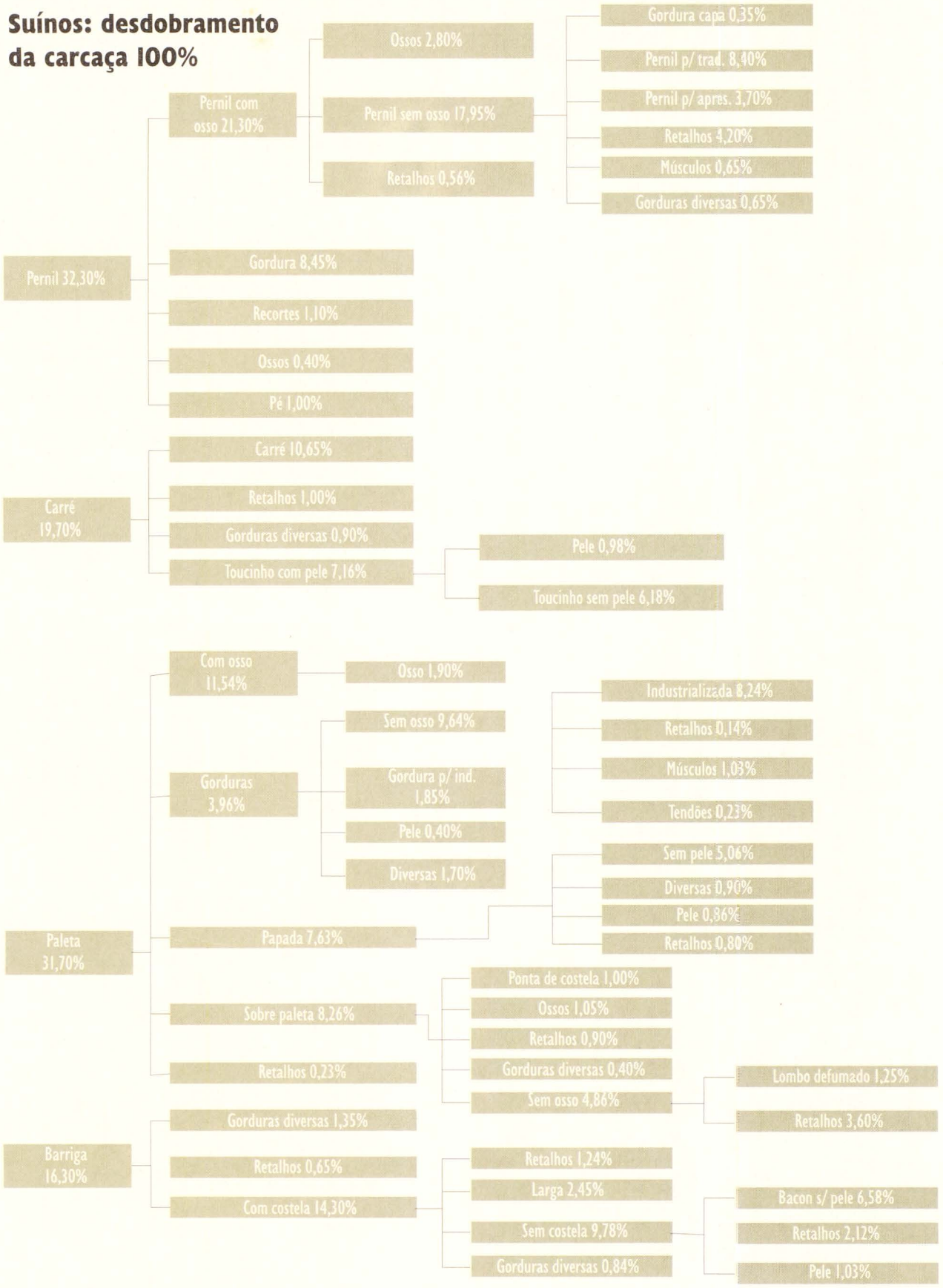
Novos pacotes tecnológicos desenharam um perfil promissor para a suinocultura nacional

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO



Há 12 e seis anos, o número mínimo recomendado para uma granja era de 80 e 150 cabeças respectivamente. Hoje esse número já passa de 200. A explicação está no sistema de integração envolvendo os frigoríficos e os pequenos produtores de base familiar da região Sul do país.

Suínos: desdobramento da carcaça 100%



Brasil: efetivos suínos segundo grandes regiões

Mil cabeças

Região	1970		1975		1980		1985		1996		2000*	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
Norte	909	3	1.245	4	1.855	6	2.560	8	2.208	8	2.152	8
Nordeste	7.095	22	9.466	27	7.325	22	7.873	26	6.358	23	5.919	22
Sudeste	5.797	19	6.462	18	5.823	18	5.607	19	4.497	16	4.304	16
Sul	15.212	48	15.007	43	14.968	46	11.893	39	12.495	45	12.375	46
Centro-Oeste	2.510	8	2.971	8	2.657	8	2.548	8	2.253	8	2.152	8

Fonte: IBGE, censos agropecuários (sinopse preliminar).
* Projeção com base na taxa anual de crescimento total entre 1996/85.
Elaboração: Agroanalysis.

Brasil: variação e taxa anual de crescimento de suínos – em %

Região	Anos					
	1975-70	1980-75	1985-80	1996-85	2000-96	2000-70
	5	5	5	11	4	30
Norte	36,96	49	38	-13,7	-2,5	137%
	6,49	8,30	6,65	1,17	-0,62	0,05
Nordeste	33,4	-2,26	7,48	-18,24	-6,9	-16,6
	5,94	-0,45	1,45	-1,53	-1,72	-5,63
Sudeste	11,4	-9,9	-3,7	-19,79	-4,29	-25,75
	2,20	-1,48	-0,73	1,66	-0,72	-0,86
Sul	-1,35	-0,25	-20,5	5,06	-0,96	-18,6
	-0,27	-0,05	-3,80	0,45	-0,24	-0,62
Centro-Oeste	18,37	-7,1	7,04	-11,6	-4,5	-14,3
	3,43	-1,38	1,37	-0,10	-1,12	-0,48
Total	11,51	-9,18	-6,5	-8,7	-3,2	-14,6
	2,20	-1,77	-1,27	-7,60	-0,80	-0,49

Desempenho da reprodução em 54 fazendas

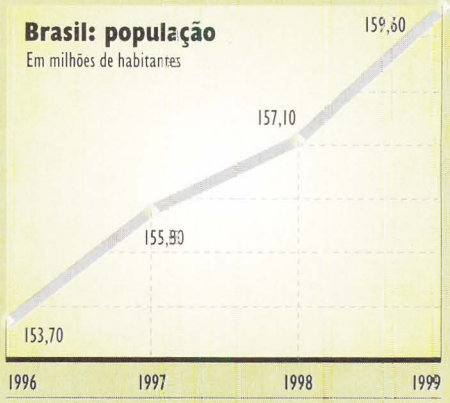
1999

Top Worst	Média	Máximo	Mínimo
Número médio de fêmeas	712	498	359
Dias estéreis	50	44	67
Suínos/fêmeas/ano	23,2	27,6	17,6

Fonte: PigCHAMP.

Brasil: rendimento industrial da carne de porco

Produtos	%	Subtotal %
Embutidos		41,06
Salsicha	16,69	
Mortadela	8,06	
Lingüiça	4,03	
Presuntada	10,07	
Paio	0,81	
Salame	0,6	
Salaminho	0,6	
Patê	0,2	
Defumados		4,68
Toucinho	4,18	
Lombinho	0,3	
Paleta	0,2	
Salgados		2,03
Pés	1,02	
Orelha	0,75	
Focinho	0,26	
Congelados		13,8
Papada	1,99	
Retalhos especiais	3,91	
Nervos	0,34	
Toucinho	5,6	
Banha em rama	1,96	
Carne resfriada		19,9
Pernil com osso	4,74	
Lombo especial	2,95	
Lombo com costela	0,34	
Lombinho	0,43	
Costela	4,55	
Paleta desossada	2,99	
Suan	2,48	
Toucinho	1,42	
Miúdos e resfriados		4,04
Orelha e focinho	0,5	
Rabo	0,17	
Pés	0,67	
Pele	2,7	
Banha industrializada	7,5	7,5
Subprodutos		3,24
Torresmo	2,11	
Farinha de sangue	0,71	
Tangage	0,24	
Rabo industrial	0,18	
Perdas e quebras		3,39
Total		100



A suinocultura está marcada no Brasil por uma série de peculiaridades que a distinguem das principais culturas do complexo de proteína animal. De dimensões mais modestas que a tradicional bovinocultura de corte, nem mesmo demonstra a pujança com que a avicultura – sem precedentes em qualquer atividade – avança na produção e no consumo de carnes nos últimos anos. No entanto, tem construído em consistentes bases tecnológicas e de gestão competente um espaço sólido e relevante para seus agronegócios.

Grandes oportunidades

O rebanho suinícola nacional chama a atenção pelo menos por dois aspectos apurados a partir dos dados do IBGE. Um deles diz

Brasil: rebanho suíno

Condição do produtor (cabeças)	Proprietário	23.233.949
	Arrendatário	1.160.673
	Perceiro	913.284
	Ocupante	2.503.338
	Total	27.811.244
Composição do rebanho (cabeças)	Menos de 2 meses	7.277.049
	Leitões	6.149.398
	Leitoas	4.663.271
	Engorda	5.902.267
	Criadeiras	3.161.490
	Varrões	657.769
	Total	27.811.244
Grupo de cabeças	Menos de 10	5.235.497
	De 10 a 20	5.044.189
	De 21 a 50	4.737.404
	De 51 a 100	2.093.254
	De 101 a 200	1.688.228
	200 e mais	9.012.672
	Sem declarar	
	Total	27.811.244
Finalidade da criação	Carne	18.712.106
	Banha	1.313.376
	Carne e banha	7.780.047
	Ignorada	5.715
	Total	27.811.244
Extensão em ha	Menos de 10	7.769.142
	De 10 a menos de 100	14.106.624
	De 100 a menos de 1.000	4.890.822
	De 1.000 a menos de 10.000	896.256
	10.000 e mais	92.895
	Sem declarar	55.505
	Total	27.811.244

Fonte: IBGE. *Censo agropecuário 1996.*

Brasil: número de fêmeas

nas 10 maiores indústrias de carne suína

Indústria	Fêmeas (milhares)
Sadia	118
Perdigão	100
Aurora	75
Seara (Bunge)	71
Batávia (Perdigão)	26
Cotrel	22
Pamplona	22
Prenda (Macri)	22
Rezende (Sadia)	20
Frangosul (Doux)	20

Brasil: produção de carne de porco

1988-99

Ano	Abates	Produção em mil t
1988	19.9	1,1
1989	18.3	1,14
1990	19.2	1,05
1991	19.9	1,13
1992	19.7	1,19
1993	19.8	1,26
1994	19.2	1,33
1995	20.1	1,47
1996	20.7	1,56
1997	20.4	1,54
1998	22.4	1,70
1999	23.5	1,83

Brasil: consumo de carne de porco

1988-99

Ano	Consumo (em t)	Per capita (kg/hab)
1988	1.083	7,87
1989	996	6,68
1990	1.033	7,26
1991	1.115	7,68
1992	1.147	7,96
1993	1.226	8,31
1994	1.301	8,46
1995	1.439	9,23
1996	1.501	9,56
1997	1.481	9,26
1998	1.617	9,98
1999	1.804	10,70

Exportações de carne suína pelos principais compradores

Jan.-dez. 1999/jan.-dez. 1998

	Toneladas			Milhares de US$		
	1999	1998	%	1999	1998	%
Argentina	32.712	35.247	(7)	50.645	66.799	(24)
Hong Kong	36.675	37.835	(3)	48.953	68.830	(29)
Uruguai	6.668	4.291	55	9.955	9.002	11
Outros	5.787	4.192	38	8.941	9.171	(3)
Total	81.842	81.565	0	118.494	153.802	(23)

Exportações de carne suína pelos principais compradores

Jan.-mar. 2000/jan.-mar. 1999

	Toneladas			Milhares de US$		
	2000	1999	%	2000	1999	%
Argentina	7.388	6.774	9	12.104	12.553	(4)
Hong Kong	9.005	7.659	18	10.366	11.754	(12)
Uruguai	1.524	1.231	24	2.266	2.046	11
Outros	2.489	578	331	2.772	1.059	162
Total	20.406	16.242	26	27.508	27.412	0

respeito ao fato de o Censo de 1996 revelar que dois terços dos animais estão concentrados em granjas com menos de cem cabeças.

Isso pode surpreender num primeiro instante. Há 12 e seis anos, o número mínimo recomendado para uma granja era de 80 e 150 cabeças respectivamente. Hoje esse número já passa de 200. A explicação está no sistema de integração envolvendo os frigoríficos e os pequenos produtores de base familiar da região Sul do país.

O outro refere-se à evidência de que o rebanho encolheu 14,6% entre 1970 e 2000. Apenas a região Norte, sem importância relativa para a produção nacional, teve crescimento isolado. Essa constatação decorre da incorporação de progressos tecnológicos pela exploração.

Surgindo no Brasil durante os anos 80 e rapidamente disseminados, os pacotes tecnológicos combinando fatores ligados a genética, nutrição e manejo desenharam um novo perfil para exploração. Os ganhos zootécnicos foram significativos e continuam em vivo aprimoramento quantitativo e qualitativo. Empreendimentos engenhosos podem hoje ser montados e projetados com sucesso no setor, atraindo inclusive capitais e

Brasil: exportações mensais de carne suína
Jan.-dez 1999/jan.-dez. 1998

	Toneladas			Milhares de US$			Preço médio		
	1999	1998	%	1999	1998	%	1999	1998	%
Janeiro	4.242	5.850	-27,49	7.561	11.897	-36,45	1,782	2,034	-12,36
Fevereiro	5.745	6.013	-4,46	9.857	11.793	-16,42	1,716	1,961	-12,52
Março	6.255	8.197	-23,69	9.994	16.075	-37,83	1,598	1,961	-18,53
Abril	6.371	7.361	-13,45	9.490	13.989	-32,16	1,49	1,9	-21,62
Maio	6.713	6.790	-1,13	9.438	13.224	-28,63	1,406	1,948	-27,81
Junho	8.100	6.437	25,84	11.167	12.516	-10,78	1,379	1,944	-29,1
Julho	6.733	7.348	-8,37	9.415	13.631	-30,93	1,398	1,855	-24,62
Agosto	6.867	6.324	8,59	9.447	11.618	-18,69	1,376	1,837	-25,12
Setembro	8.170	8.769	-6,83	10.605	15.982	-33,64	1,298	1,823	-28,78
Outubro	7.943	5.939	33,74	10.387	10.643	-2,41	1,308	1,792	-27,03
Novembro	7.482	6.760	10,68	10.783	12.107	-10,94	1,441	1,791	-19,53
Dezembro	7.221	5.777	25	10.350	10.327	0,22	1,433	1,788	-19,82
Total	81.842	81.565	0,34	181.494	153.802	-22,96	2,21	1,886	-23,22

empresários de outros ramos de negócios.

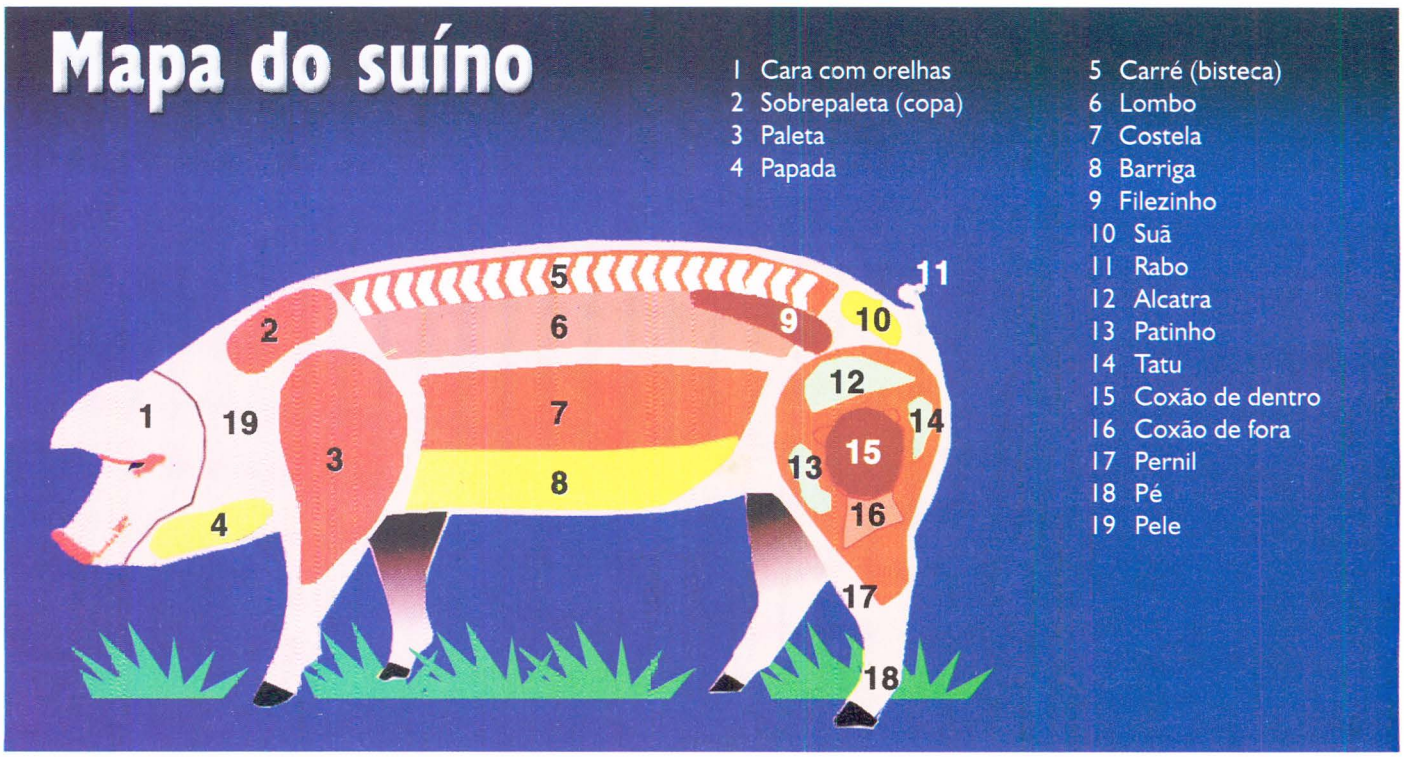
Três grandes crises

No âmbito dos agronegócios, qualquer previsão sobre a suinocultura brasileira supõe certamente a continuidade do processo de diminuição dos plantéis. A taxa de desfrute agregada é ainda muito baixa no país. As granjas *tops* estão em escala qualitativa e quantitativa substancialmente mais elevada, e deverão ampliar sua participação na produção e oferta de animais para abate às agroindústrias, num processo acelerado que deve continuar no mesmo ritmo.

Três grandes crises pelo menos afligiram o setor desde a efetiva implantação da tecnologia. Tiveram como pontos em comum a queda de rentabilidade ante a conjuntura de excesso de oferta, a retração no consumo e os baixos preços. Foram momentos difíceis em que a taxa de matrizes enviadas para abate ultrapassou os percentuais normais. Muitas granjas não sobreviveram e abandonaram a criação. Os anos de mais triste memória são 1987 (pós-Plano Cruzado), 1992 (recessão e destituição do presidente Collor) e 1996 (altos juros após o Plano Real) .

Sem tradição

Apesar dessa ciclotimia de altos e baixos, uma suinocultura empresarial com força para enfrentar a luta darwiniana do mercado emerge em locais sem tradição na atividade. É assim, por exemplo, nas regiões de Ponte Nova em Minas Gerais, Gabriel



do Oeste em Mato Grosso do Sul e Rio Verde em Goiás. No zoneamento econômico elaborado pelo governo de Minas Gerais, a criação suinícola aparece com destaque nos pólos de desenvolvimento – os chamados *clusters* – do Sudoeste do estado. E para não estender demais as citações, há ainda Rondonópolis, em Mato Grosso do Norte, e evidentemente as estruturas produtivas independentes do pujante interior paulista.

É claro que os estados sulinos, notadamente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não ficaram parados: com a região Oeste do Paraná, prosseguem numa ampla reengenharia do fornecimento das matérias-primas. O desafio é duplo: viabilizar as pequenas e médias propriedades de suas estruturas fundiárias e manter competitividade nas agroindústrias. O esforço na busca de eficiência não pode parar e desaconselha acomodação.

Potencial e gerenciamento

A tese de que o Brasil possui vantagens comparativas e competitivas para desenvolver a suinocultura permanece viva e é correta. Os argumentos que lhe davam sustentação no passado porém não funcionam mais. Os criadores precisam estar conscientes de que a equação do preço do animal pronto para abate não é montada sobre seu custo, mas sim pela oferta e demanda existente no mercado. Pensar em lucro somente na perspectiva de preços melhores é uma aposta incerta feita no escuro. É preciso partir das planilhas de custo de produção.

Por isso soa estranho que os componentes do arraçoamento pressionem esses custos de produção. Nos últimos anos, os preços de milho e farelo de soja têm estado insuportáveis para os criadores, comprometendo seus *break-even*. Por que justamente esses dois produtos, dos quais se poderiam esperar melhores condições de compra? Dadas as potencialidades do país, essa poderia ser uma das principais vantagens comparativas nacionais. A solução do problema passa com certeza pelo gerenciamento de ampla visão do agronegócio.

Brasil: suincocultura nos últimos 30 anos

Ano	Rebanho mil cab.	Rebanho mil cab.	Produção mil t	Abate total[2] mil cab.	Peso abate, kg	Produção mil t	Abate total mil cab.	Taxa de desfrute	Exportação mil t	Importação mil t	Balanço mil t	Dispon. mil t	Pop. bras. mil	Dispon. per capita kg/ano
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1970	31.510					705,1			0	0	0	705,1	93.139	7,570
1971	32.081					750,2			0	0	0	750,2	95.449	7,860
1972	32.662					645,2			0	0	0	645,2	98.817	6,529
1973	33.255					700,6			0	0	0	700,6	100.244	6,989
1974	33.857	34.192				723,0			0	0	0	723,0	102.731	7,038
1975	34.471	37.640	495	7.189	68,8	760,0	11.046	32%	5,5	0	5,5	754,5	105.279	7,167
1976	34.509	38.742	541	7.899	68,5	784,5	11.452	33%	12,0	0	12	772,5	107.891	7,160
1977	34.547	34.532	462	6.690	69,0	834,0	12.087	35%	12,0	0	12	822,0	110.567	7,434
1978	34.585	33.689	509	7.387	68,9	850,0	12.337	36%	4,9	0	4,9	845,1	113.310	7,458
1979	34.623	35.695	566	8.185	69,1	900,0	13.025	38%	0	0	0	900,0	116.121	7,751
1980	34.661	34.183	610	8.920	68,4	1.150,0	16.812	49%	0	0	0	1.150,0	119.002	9,664
1981	33.782	32.429	699	10.270	68,0	1.183,0	17.397	51%	1,2	0	1,2	1.181,8	121.297	9,908
1982	32.924	33.176	709	10.339	68,6	1.105,0	16.108	49%	2,6	20,0	-17,4	1.122,4	123.636	9,038
1983	32.089	31.677	625	9.171	68,1	1.040,0	15.272	48%	2,3	15,0	-12,7	1.052,7	126.020	8,353
1984	31.274	32.327	558	8.204	68,0	960,0	14.118	45%	6,3	15,0	-8,7	968,7	128.450	7,723
1985	30.481	32.247	577	8.571	67,3	966,0	14.353	47%	5,2	35,0	-29,8	995,8	130.927	7,302
1986	30.227	32.539	610	9.198	66,3	1.083,0	16.335	54%	7,2	60,0	-52,8	1.135,8	133.452	8,602
1987	29.975	32.479	735	10.927	67,3	1.200,0	17.830	59%	18,0	40,0	-22	1.222,0	136.025	8,748
1988	29.725	32.120	698	10.608	65,8	1.100,0	16.717	56%	20,0	4,0	16	1.084,0	138.648	7,811
1989	29.478	29.637	624	9.376	66,5	1.137,0	17.098	58%	14,0	60,0	-46	1.183,0	141.322	8,371
1990	29.232	29.202	670	10.993	60,9	1.040,0	17.077	58%	25,0	25,0	0	1.040,0	144.047	7,060
1991	28.989	36.062	827	12.176	67,9	1.110,0	16.347	56%	23,0	2,0	21	1.089,0	146.825	7,417
1992	28.747	35.141	971	13.122	74,0	1.200,0	16.212	56%	59,0	1,0	58	1.142,0	148.821	7,674
1993	28.508	34.184	984	13.305	74,0	1.230,0	16.622	58%	46,0	1,0	45	1.185,0	150.844	7,856
1994	28.270	34.531	1.180	14.574	81,0	1.330,0	16.420	58%	43,0	2,0	41	1.289,0	152.894	8,431
1995	28.035	34.290	1.590	16.569	96,0	1.430,0	14.896	53%	32,0	11,0	21	1.409,0	154.973	9,092
1996	27.001	33.623	1.797	17.454	102,9	1.600,0	15.549	58%	55,0	1,0	54	1.546,0	157.079	9,842
1997	26.776	33.015	1.144	13.623	84,0	1.520,0	18.095	68%	96,0	6,0	90	1.430,0	158.093	9,045
1998	26.554	32.120	1.383	14.873	93,0	1.650,0	16.645	63%	119,0	2,0	117	1.533,0	158.661	9,662
1999	26.334	32.479	nd	nd	nd	1.748,0	nd	nd	123,0	1,5	121,5	1.626,5	158.877	10,237
2000	26.115	nd	nd	nd	nd	1.810,0	nd	nd	136,0	1,5	134,5	1.675,5	159.092	10,532

[1] Evolução com base nos censos do IBGE de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995. A partir de 1996, considerou-se a média de crescimento entre 1985 e 1996.
[2] Evolução com base nos levantamentos PPM do IBGE.
[3, 4, 5] IBGE.
[6, 7] Estimativa sem SIF/MA.
[8] Valores da coluna 7 divididos pelos valores da coluna 1.
[11] Valores da coluna 9 subtraídos dos valores da coluna 10.
[12] Valores das coluna 6 subtraídos dos valores da coluna 11.
[14] Valores da coluna 12 divididos pelos valores da coluna 13.